

Transcrição Ruben Bianchi

O meu nome é Ruben Bianchi, eu descendo de uma família de músicos. O meu avô era músico, meu pai era músico, meu tio era músico, os meus filhos são músicos, e durante um determinado tempo de minha vida eu me dediquei muito a música, e foi neste período que eu conheci o Claudio Santoro.

O Claudio Santoro sempre foi muito generoso com todo mundo, era uma pessoa com muitas conexões, e a casa dele estava sempre aberta, e muitas vezes eu era convidado a ir à casa dele para não só como aluno dele, ou amigo da família dele também né, mas ele virava assim e falava: "Olha Ruben é o seguinte eu estou precisando sair, tenho uma reunião importantíssima a Gisele vai comigo, toma conta das crianças". E eu ia lá tomar conta das crianças.

E o Santoro um homem extremamente generoso, extremamente afetivo, extremamente sensível, ele estava no seu segundo casamento, e no segundo casamento era pai tardio. Ele cuidava das três crianças, como pai e mãe, e cozinhava pra todo mundo, e tinha um relacionamento absolutamente encantador com os filhos e com a esposa também, era de uma generosidade como poucas vezes vi em um artista, era um compositor fantástico, um professor de regência magnífico, um regente magnífico, pouca gente lembra do Claudio regendo mas ele tinha uma regência absolutamente clara, absolutamente precisa no que era a intenção dele, e ele fazia um repertório russo como só quem morou na Rússia pode fazer que tinha aquela vivência toda e também fazia música moderna, e como compositor era impressionante a amplitude do trabalho dele, por que ele fazia música atonal, onde suas sinfonias escritas quase que de uma forma clássica respeitando todas as formas A B A B C O. Alguns movimentos sempre acompanhando o que era uma grande sinfonia e a escrita dele era marcada por um traço muito forte de clareza, as vezes a gente olhava a partitura e achava que era uma coisa meio grandiosa, meio bombástica, mas na hora que a gente colocava na orquestra e a gente ia tocar na orquestra da escola superior de música e ele regendo, a gente olhava aquilo e a gente percebia que "Nossa!", como apesar dessa quantidade de notas, como é tudo muito claro, é tudo muito leve e consistente. E além da música atonal, digamos assim, ele também fazia músicas serial, ele fazia música concreta e pintava, pintava. A gente ia na casa do Santoro e quase que tinham poucos quadros que não eram os quadros dele; eram quadros lindíssimos, modernos, muito cheio de equilíbrio, né.

Antes dele sair do Brasil durante o governo militar, ele por exemplo participou da formação de Brasília, numa época em que Brasília era o novo mundo, as pessoas acreditavam, olha isso aqui vai dar nascimento a um Brasil novo, nós vamos ter uma arquitetura nova, uma engenharia nova, vamos ter as artes e o primeiro departamento de música que foi criado em uma universidade foi feito por ele, em Brasília. O departamento de música em Brasília. Então, ele foi montando o departamento, ele foi convidando músicos que ele conhecia, amigos para virem a Brasília, em grande parte atraídos pelo carisma dele, pessoas que falavam: "Bom, se o Santoro acredita tanto nessa ideia, então vamos participar dessa ideia, que isso aqui vai crescer, isso vai acontecer!".

Eu fiquei anos e anos sem ver o Santoro. Um dia eu fiquei sabendo que ele havia morrido. E aí veio um arrependimento muito forte de não ter mantido contato com aquela pessoa que foi tão importante, aquela família foi tão importante na minha vida, que eu por um descuido, vir ao Brasil fazer outras coisas, talvez até como um mecanismo de defesa porque era muito penoso ter largado a música pra fazer qualquer outra coisa, eu não mantive contato com eles.